



A IMPRENSA E OS COSTUMES: UM ESTUDO DA EDUCAÇÃO FEMININA NA *REVISTA POPULAR* (RIO DE JANEIRO, 1859-1862)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3902

Gabriella Assumpção da Silva Santos Lopes, UFGD

Resumo

A *Revista Popular* constituiu-se em um dos periódicos do editor francês Baptiste Louis Garnier, desenvolvido no Brasil no século XIX. Circulou quinzenalmente no Rio de Janeiro, entre 1859 a 1862 e, segundo seus redatores, direcionava-se a instrução e recreio de seus leitores. Interessa, para essa comunicação, evidenciar as discussões presentes nas linhas e entrelinhas da publicação, que alcançam ao público leitor feminino, como a seção de instrução, crônicas, casas recomendáveis, bem como a seção de biografias “Brasileiras Célebres”. Nesse sentido, o presente estudo busca, no âmbito dos estudos históricos compreender algumas das formas de educação das mulheres do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, a partir da difusão de práticas e valores contidos em impressos periódicos, visto que se parte do entendimento que esta documentação permite vislumbrar aspectos sociais nos contextos em que se encontram inseridas. Dentre as seções estudadas, pode-se visualizar alguns conselhos sobre a educação e criação das crianças, e até mesmo textos que se direcionam a educação e instrução feminina. Visualizam-se também conselhos sobre moda, ilustração de figurinos, recomendação das casas de moda, bem como relatos dos bailes da sociedade fluminense com seus personagens, dentre eles as mulheres. Na seção de biografias, figuram personagens femininas que deveriam ser tomadas como exemplo de características e comportamentos a serem adotados. Assim, com base no estudo deste periódico, percebe-se uma preocupação da imprensa em não só incluir o público feminino no seu grupo de leitores, mas também em veicular valores e comportamentos considerados adequados às mulheres.

Palavras Chave:

Revista Popular; impressos periódicos; educação feminina.

Introdução

A partir das últimas décadas do século XX, a história das mulheres e os estudos de gênero se constituíram e fortaleceram como campos da historiografia que possibilitaram a investigação de objetos e sujeitos até então excluídos da história. Para Soihet e Pedro (2007), as transformações da historiografia, advindas da história das mentalidades e da história cultural, juntamente com a explosão do feminismo no fim dos anos 1960, lançaram as mulheres à condição de sujeitos e objetos da história.

Michelle Perrot (1995), ao abordar os objetos, sujeitos, métodos e pontos de vistas acerca da história das mulheres, afirma que dentre os questionamentos suscitados por esse campo de estudo, o problema do acesso das mulheres aos diversos níveis de conhecimento e educação (leitura, escrita, técnicas etc.), incentivou e ainda incentiva diversos trabalhos.

A relevância de temas como a educação, pela perspectiva da história das mulheres ou dos estudos de gênero, conforme explica Tedeschi (2012), evidencia-se no fato de que as raízes das desigualdades de gênero se localizam também na educação informal e na socialização levada através dos meios de comunicação como o cinema, jornais e revistas, uma vez que homens e mulheres são educados de formas distintas por esses meios, em consonância com o que a sociedade determina como “identidade feminina” e “identidade masculina”.

Assim, interessa para esse trabalho, compreender uma das formas de educação feminina no século XIX, a partir da difusão de costumes, práticas e valores contidos em impressos periódicos, tendo como fonte privilegiada a *Revista Popular*, atentando-se também para as discussões

presentes nas linhas e entrelinhas da publicação que alcançaram o público leitor feminino e sua educação.

Nesse sentido, ao pensar a educação no século XIX, Mônica Yumi Jinzenji (2010) elucida que é preciso considerar que a ação educativa foi exercida por diversas instituições e forças concomitantes à escola, pois também cumpriram a função de transmissão de valores e comportamentos. Dentre elas, encontram-se a produção e a circulação de jornais e revistas, bem como sociedades literárias, científicas e entre outros. Para a autora, a imprensa periódica do Brasil oitocentista, principalmente no período pós-independência, foi um importante veículo de educação, civilização, instrução, capaz de influenciar os costumes.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, vários periódicos passaram a incluir as mulheres no seu grupo de leitores, e os exclusivamente destinados ao público feminino começaram a surgir. Essas publicações esforçaram-se não somente em alcançar um público assíduo, mas também fizeram parte de um esforço de ampliar o nível de educação feminina¹.

Para Tânia de Luca (2012), as revistas ensinam, aconselham, propõem formas de feminilidade consideradas como “normais”, indicam condutas (o que fazer ou vestir, como agir ou se portar, do que gostar, o que é de bom ou mal tom em situações específicas). Uma publicação que foi ao encontro desses pressupostos, a “*Revista Popular*”, será abordada a diante.

A *Revista Popular* – o primeiro periódico do editor Garnier

No período pós-independência, vários livreiros e editores estrangeiros entraram no país, dentre eles Louis Baptiste Garnier, que instalou na Rua do Ouvidor, na cidade do Rio de Janeiro,

¹ LUSTOSA, Isabel. Prefácio. In: JINZENJI, Mônica Yumi. Cultura impressa e educação da

mulher no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 13.

umas das mais prestigiadas livrarias da cidade², a livraria Garnier.

O empresário possuiu mais dois irmãos, que foram donos de um empreendimento em Paris, que permitiu que um deles, Baptiste, viesse para o Brasil no início dos anos de 1840 a fim de dirigir uma filial da editora *Garnier Frères*. Com o tempo, Baptiste passou a ser reconhecido entre literatos e autores da sua época, como José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto, Silvio Romero, entre outros³.

No início de 1959, Baptiste Garnier investiu em um periódico quinzenal chamado *Revista Popular*. A publicação circulou entre os anos de 1859 a 1862, sendo imprensa no Brasil. A proposta editorial da revista estava relacionada a um grupo de periódicos que se preocupavam com a disseminação de informações⁴, o que fica evidenciado desde a primeira carta aos leitores da publicação, que se propôs à transmissão de conhecimentos e instrução.

De acordo com Pinheiro (2010), a *Revista Popular* pretendia alcançar um público leitor eclético, vista a variedade de seções que possuía: agricultura, crônica, comércio e indústria, contos e narrativas, crítica e análises, descrições, economia política, emigração e colonização, esboços biográficos, higiene, instrução e educação, geografia, música, física, poesia, romances e variedades.

Contudo, apesar de destinar-se a um público diverso, é perceptível uma atenção ao segmento feminino. A publicação foi substituída pelo *Jornal das Famílias* (1863-1878), também de propriedade de Garnier, que desde sua primeira carta de redação se posicionou dedicada aos interesses domésticos e das famílias (PINHEIRO, 2010). No trecho a

seguir pode-se observar a relação entre os periódicos, bem como a atenção de ambos ao público feminino:

[...] certos de que as assinantes da Revista Popular continuarão a ser também as do Jornal das famílias brasileiras, lhes remitiremos mensalmente o novo jornal. As mães de famílias não devem recear que ele penetre em seu santuário. Haverá todo cuidado, como na Revista Popular, para a escolha dos artigos. (Jornal das Famílias, Tomo 1, Janeiro de 1863, p.2-3)

O primeiro periódico, a *Revista Popular*, destacou em seu primeiro número, que possuía como intuito “instruir disfarçadamente” seus leitores. Na primeira carta dos redatores, estes escreveram às leitoras afirmando que na Revista, nada seria vedado, mas que haveria seções que melhor lhes serviriam.

Agora duas palavras convosco, amáveis leitoras. Não vos escandalizeis, julgando descortez dirigirmo-nos em último lugar à melhor metade do gênero humano inteiro, em que tendes a devida parte, e que passamos a dizer é só para vós, e muito em particular.

Houve tempo, em que a mulher só cultivava o coração, hoje cultiva também o espírito. Não haverá pois na Revista parte alguma que por qualquer princípio vos seja vedada, formosas filhas de Eva; mas haverá uma privativamente vossa, pelo que ficareis melhor aquinhoadas. (Assinai pois ou fazei assinar vossos pais ou maridos, que é o mesmo.) Os trabalhos de agulhas para as solteiras, a economia doméstica para as casadas, e as modas para todas – tudo isto é do vosso exclusivo domínio e nós lhe reservamos um cantinho. (Revista

² MACHADO, L.C.. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO, (et al). O oitocentos em livro, livreiros

e impressos, missivas e bibliotecas. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2013, p.119.

³ Ibidem, p. 125.

⁴ Ibidem, p. 127.

Popular, tomo 1, p.5).

Juntamente ao convite para a adesão de assinaturas, nesse excerto, conforme sinaliza Abreu (2008), observa-se uma imagem da figura feminina do período, através da referência ao espaço que a *Revista* dedicaria às mulheres, “um cantinho” direcionado aos conhecimentos de economia doméstica a aos trabalhos de agulha.

Pinheiro (2010), afirma que pelas publicações da *Revista Popular*, é possível deduzir que Garnier percebeu a importância das leitoras oferecendo-as algumas seções em seu periódico como a de Economia doméstica, Higiene, Poesia e Narrativas.

Com base nos estudos em curso, foi possível identificar outras seções com conteúdos direcionados ao público leitor feminino, como a seção de Instrução e Educação, Variedades, Casas Recomendáveis, onde podem ser visualizados anúncios sobre costureiras, casas de modas, tecidos e até mesmo de colégios para meninas, bem como a seção de biografias “Brasileiras Célebres”.

Notou-se ainda que a instrução⁵ que a revista pretendia para as suas leitoras, não fugia aos pressupostos da sua época, como os sinalizados por Shueller e Gondra (2008). Para esses autores, para as mulheres da elite oitocentista, segmento social ao qual a revista se dirigia⁶, a educação consistia na aprendizagem de saberes referentes à administração da vida familiar, bem como a aquisição de normas de condutas, hábitos de civilidade e sociabilidade apropriados da cultura urbana e burguesa europeia.

Às amáveis leitoras: A propagação de comportamentos, hábitos e valores por meio da *Revista Popular*

Em diversas seções da publicação, observaram-se discursos sobre o feminino e sua educação que foram reflexo das discussões em voga na sociedade daquele momento. Acerca disso, segundo Lustosa (2010), a educação da mulher estava atrelada às tendências de separação dos espaços públicos e privados, que vinham desde o século XVIII propondo uma releitura da vida familiar, onde a mãe é a primeira instância de formação da nação e dos futuros brasileiros.

Seguindo essa lógica, o primeiro tomo da Revista contou, na seção de Instrução e Educação, com um ensaio que discutiu o papel das mulheres na educação dos filhos, incentivou uma preparação adequada para que elas exercessem sua “missão materna”. Comentou que naquele momento, as mulheres estavam se educando, mas discordava de uma emancipação pela educação, pois esta deveria se direcionar apenas ao doméstico e a família. O texto avaliou que era absurdo que as mulheres se envolvessem na política e reconheceu apenas que elas possuíam considerável importância na educação das novas gerações. A educação da mulher deveria ser para a realização das suas “modestas funções do lar” e um meio de consertar os “vícios femininos”.

Ana Maria Colling (2014), em seu livro “Tempo diferentes, discursos iguais”, salienta que a educação das mulheres em vista da mãe e esposa perfeita, perpassa a longa duração, sendo destacada por

⁵ Conforme explica Jinzenji (2010), apesar de muitos periódicos do século XIX, principalmente os direcionados às mulheres utilizarem frequentemente o termo instrução para designar um dos seus objetivos, este termo é empregado longe de sua definição mais aceitável, que naquele período dizia respeito ao desenvolvimento das faculdades intelectivas. Muitas das vezes, o sentido de instrução colocado pelas revistas do

XIX se relaciona mais a educação como uma função de desenvolvimento das faculdades morais, do cultivo de virtudes. p. 24,25.

⁶ Lígia Cristina Machado (2013) informa que a revista não possuía um preço acessível ao povo. Sua assinatura anual custava 20\$000 réis para Corte, contrastando com outros periódicos da época que custavam entre 4\$000 a 8\$000 réis, como o *Monarquista* e *A Marmota*.

discursos médicos, filosóficos que são incorporados em discursos pedagógicos que constituem uma imagem de mulher tanto nas teorias do conhecimento, quanto nas práticas cotidianas. Dessa maneira, percebe-se por esse ensaio, um indício de como a revista pensava a educação feminina.

No decorrer da publicação, algumas seções foram mais presentes, dentre elas as “Crônicas da Quinzena” muito atrelada a de “Casas Recomendáveis” e a seção de biografias “Brasileiras Célebres”, que serão abordadas com mais ênfase a partir de então.

De autoria de Carlos, provável pseudônimo de Carlos José do Rosário⁷, boa parte das crônicas foi direcionada às leitoras. Elas interessaram para esse trabalho, pois demonstram prescrições de como se vestir, como se comportar nos bailes e atividades culturais, revelando aspectos da sociabilidade feminina, mas também a acolhida da mulher no espaço público, que deveria ser normatizada com comportamentos considerados ideais.

Como o tema constante das crônicas era moda, a seção disponibilizava modelos de figurinos vindos diretamente da França, que seguiram com uma descrição minuciosa dos tecidos, moldes e texturas, bem como recomendações de locais onde os materiais poderiam ser encontrados e a confecção realizada. Isto remete a seção de “Casas Recomendáveis”, pois os estabelecimentos indicados nas crônicas geralmente coincidem com os dessa seção.

É interessante notar que os figurinos não foram apenas descritos, mas também recomendados de acordo com cada ocasião em que deveriam ser usados, como os bailes previstos para a quinzena, saraus, bailes de carnaval, passeios, casamentos e etc. Além disso, o cronista

informa para qual seguimento os modelos deveriam ser direcionados, como moças solteiras, senhoras casadas e para qual estação do ano eram mais apropriados.

O modelo sugerido na imagem a seguir, foi recomendado ao uso nos bailes de carnaval que ocorreriam nas semanas seguintes da publicação da crônica. Entretanto, o autor indica que o modelo poderia ser modificado para adequá-lo a outras ocasiões, que não um baile de carnaval justamente, pois algumas leitoras poderiam considerar dispendioso demais confeccionar um vestido apenas para uma ocasião. Essa estratégia, de modificar os vestidos, foi correntemente aconselhada, visto que geralmente os modelos não se adaptavam ao clima do Rio de Janeiro, ou eram considerados “pomposos” de mais pelas leitoras.



Fonte: Revista Popular, Tomo 5, p. 124.

Para Tânia Maria Bessone Ferreira (2011), as revistas dos oitocentos divulgaram entre o público feminino, aspectos da cultura francesa que impactaram diretamente o dia-a-dia da cidade no quesito moda, etiqueta e passatempos. A autora, tratando de outros periódicos que trouxeram modas em suas

⁷ ABREU, Marcella dos Santos. Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da *Revista Popular* (1859-1862).

Campinas, 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado Estudos da Linguagem) – Unicamp, 2008.p. 24.

páginas, afirma que se propuseram a corrigir e reabilitar os desvios de gostos, divulgando aqueles que seriam aceitáveis dentro dos padrões ditos “civilizados”.

Ainda de acordo com Cardoso (2001), as ilustrações contidas nas revistas, principalmente após a década de 1840, indicam um fomento na cultura de compras que começava a prosperar. A recomendação ou o anúncio de casas e lojas na Rua do Ouvidor sinalizam, também, como o consumo penetrava na cidade do Rio de Janeiro, a fim de atender a parcela mais restrita da sociedade, ditando regras do comportamento das elites econômico-sociais.

Outra seção que se mostrou presente nos quatro anos de publicação da Revista foi a de esboços biográficos, intitulada “Brasileiras Célebres”. A seção possuiu a autoria de Joaquim Norberto de Souza, um assíduo colaborador do periódico, que além da *Revista Popular* colaborou com outras revistas do período, além de que, esteve inserido no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Ainda durante a circulação da publicação, o autor reuniu as biografias da seção “Brasileiras Célebres” em um livro também editado por Garnier que pretendia ser distribuído nas escolas primárias femininas do município da corte.

As biografias trouxeram exemplos de mulheres que desde o período colonial, de acordo com Norberto, se destacaram na história do país. Dentre os modelos, encontram-se mulheres religiosas, boas mães e esposas, indígenas cristianizadas e até mesmo mulheres que haviam lutado defendendo a sua pátria.

Os modelos acima podem ser confirmados, por exemplo, com a biografia de Clara Camarão, uma indígena que foi casada com um português que lutou no Brasil contra os holandeses na época das invasões ocorridas no nordeste, sendo assim elogiada por ter adentrado a “civilização” e por ter aceitado a fé cristã.

Continuando aos exemplos da fé cristã, tem-se o exemplo da freira baiana Joana Angélica. O autor conta a sua trajetória, mas enfoca no episódio onde considerou que Joana pôde demonstrar o amor pela sua pátria. Por ocasião da independência do país, as tropas portuguesas se mantiveram na Bahia até o dia 2 de julho de 1823. Nessa região, aconteceram diversas lutas, e em um momento, o convento de Joana foi acusado pelos portugueses de esconder soldados brasileiros. Não deixando que os soldados lusitanos adentrassem o seu claustro, Joana acabou sendo morta por uma baioneta. Joaquim Norberto então destaca nessa biografia, não apenas uma vocação para a mulher da época, a religião, mas, sobretudo o amor pela pátria.

Outro caso de amor à pátria, destacado nas biografias é o de Maria Quitéria de Jesus. Maria Quitéria viveu contemporaneamente com Joana Angélica e ao saber que homens estavam sendo convocados para combater os portugueses pela independência de sua província, fugiu de casa e vestiu-se com roupas consideradas de homem, assentando-se nos voluntários do príncipe Dom Pedro para lutar.

Lutou por algum tempo, sendo louvada por suas habilidades, o manejo de armas e intrepidez na guerra, e logo depois foi descoberta. Apesar de a personagem poder ser considerada “transgressora” pelo fato de ter fugido da casa do pai, ter se vestido de homem e ter lutado na guerra, é interessante notar que Quitéria é traduzida como um “bom exemplo”, pois teria agido dessa forma por amor à pátria.

Outra biografia, a de Maria Bárbara concentra-se no fato de que, segundo seu biógrafo, preferiu ser assassinada a se entregar a um homem que não era seu esposo, em um atentado que visou violentá-la. A biografia não traz muitos detalhes da sua vida, apenas narra os episódios que antecederam sua morte, onde o autor enaltece a fidelidade de Maria ao seu esposo, ou seja, um exemplo de boa

esposa.

Schmidt (2014), afirma que da antiguidade à modernidade, a biografia serviu como um discurso de virtudes, de modelo moral, para educar e transmitir os valores dominantes. O autor assegura que apesar das modificações que a biografia experimentou ao longo do tempo, ela se configurou em uma motivação ética, onde por meio do modelo dos personagens biografados se estabelecem as fronteiras entre o proibido e o permitido e, constituindo nas pessoas, ao menos, a inclinação a fazer o seu dever e o bem, conforme os padrões pertinentes em cada época.

Nesse sentido, considera-se que ao longo das publicações, as biografias, tanto as acima discutidas, como as demais contidas na Revista, demarcaram um modelo da mulher ideal almejada no século XIX: cristã, patriótica, abnegada, boas esposa e mãe.

Considerações finais

A história das mulheres tem possibilitado a ampliação de objetos, sujeitos e temas, dentre eles os relacionados à educação e instrução feminina. No século XIX, a educação escolar também foi acompanhada por outras formas, ou por forças educativas como a imprensa periódica.

Para esse trabalho, interessou compreender a educação feminina na segunda metade do século XIX, a partir da difusão de práticas e valores contidos em impressos periódicos, com enfoque a *Revista Popular*. Apesar da revista não ser considerada uma revista feminina, dedicou um espaço ao recreio e a educação das mulheres.

Foi possível observar que o periódico possuiu um discurso sobre a educação feminina pautada no convívio do lar e para a educação das novas gerações, um discurso corrente da época. Assim, como observado em muitos periódicos femininos, ou que dedicavam

um espaço às mulheres, a *Revista Popular* veiculou em suas páginas normas de comportamentos, maneiras de se vestir e de consumir, bem como biografias que pressupunham características que deveriam ser assimiladas, adquiridas.

Sendo assim, acredita-se que a publicação em questão constituiu-se como um entre outros periódicos que pensaram e realizaram a educação feminina em suas páginas. Entretanto, deve-se salientar que a publicação, não deu espaço para escritos ou pontos de vistas femininos, constituindo assim como Colling (2014) adverte, mais um discurso não formulado pelas mulheres, “uma linguagem feita por outros, um espaço desenhado por outros, em uma trama de razões que os outros pensaram”.

Referências

ABREU, Marcella dos Santos. **Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da *Revista Popular* (1859-1862)**. Campinas, 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado Estudos da Linguagem) – Unicamp, 2008.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segunda Reinado. IN: KNAUSS, Paulo (et. al.). **Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 17-40.

COLLING, Ana Maria. **Tempo diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino**. Dourados: EDUFGD, 2014.

DAUPHIN, Cécile (et al). **História das Mulheres; cultura e poder das mulheres, ensaio de historiografia**. Annales/Paris, nº 2, mar-abr 1986. Trad. Raquel Soihet. Publicada na revista “Gênero”, Niterói, vol 2. Nº1, 2001. (disponível: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/282>).

FERREIRA, Tania Maria B. da C. A presença francesa no mundo dos impressos no Brasil. IN: KNAUSS, Paulo (et al.). **Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p.42 – 52.

GONDRA, J. G.; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e**

educação da mulher no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LUCA, Tania Regina. Mulher em Revista. In: PEDRO, Joana Maria. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil.** 1ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 447-468.

LUSTOSA, Isabel. Prefácio. In: JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MACHADO, L. C. A Revista Popular (1859—1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: RIBEIRO, (et al). **O oitocentos em livro, livreiros e impressos, missivas e bibliotecas.** 1 ed. São Paulo: Alameda, 2013, p.119- 142.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In:

Cadernos Pagu, n 4, p. 9-28, 1995. Disponível: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>.

PINHEIRO, A. S. **Leituras e Interlocutores da Literatura oitocentista (1863-1878).** Porto Alegre: Renascença – Edigal, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História** (São Paulo. Online), v. 33, p. 124-144, 2014.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. Emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 27, n° 54, p. 281-300 – 2007. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882007000200015&script=sci_abstract&tlng=PT.